

OS LONGES DE MARGUERITE YOURCENAR

Olivier Feron

Resumo Este ensaio representa uma modesta tentativa de delinear as relações que pensamos existir na obra de Marguerite Yourcenar entre personagens de ficção como Hadrien ou Zénon e escritores contemporâneos como Yukio Mishima ou Henry de Montherlant. A distância temporal ou geográfica que separam esses interlocutores torna-se a condição necessária para interrogar certas possibilidades éticas em seres humanos situados em períodos de transição, e portanto de crise; o diálogo entre esses seres reais ou ficcionados testemunha a capacidade da literatura de escutar as aporias do mundo contemporâneo através do exercício do próprio rodeio especulativo.

Palavras-chave Ética, corpo, ficção, nihilismo, *coincidentia oppositorum*.

Je n'ai que l'idée que je me fais de moi-même pour me soutenir sur les mers du néant (H. de Montherlant)¹

No capítulo intitulado “*De trois bonnes femmes*”, Montaigne dá-nos três exemplos de virtudes femininas que pede emprestados aos antigos. Estas três esposas encarnam as virtudes éticas romanas, pela ligação que mantêm com o seu marido na entrada na morte. Da mesma maneira, os maridos — pelo menos no caso de Séneca — aliam a estas últimas as virtudes cívicas cujo cultivo é um exclusivo masculino, e que se manifestam na praça pública. Em ambos os casos, Montaigne recorre a personagens cujos actos nos parecem acima da “humana condição”. Condenados pela doença ou pela crueldade de tiranos, nem todos estes patrícios encontram a coragem para enfrentar o seu destino e evitar o sofrimento ou o assassinato político. No derradeiro momento em que têm de dispor da sua existência numa saída honrosa, a vontade treme e a resolução não supera o doloroso desejo de durar. As esposas, num gesto que a nossa sensibilidade moderna chamaria de sublime, usam o seu amor para reafirmar essa resolução, propondo o espectáculo da sua própria

1 As traduções do francês estiveram a cargo do próprio autor. A presença em Yourcenar de Henry de Montherlant é discreta embora constante; ele é até explicitamente associado a Mishima e Hadrien. Cf. Yourcenar, 1980, 94-5, ou esta passagem dos *Carnets de notes de L'oeuvre au Noir*: “O suicídio. Zénon, Mishima, Montherlant (morre a 21 de Setembro de 1972, há 5 dias — escrevo-o na terça-feira 26, 1972). O corpo rasgado, aberto, libertando a alma. (Mishima morre em Novembro de 1970. A sua última entrevista em *Le Figaro*, acredito, publicada após a sua morte, mencionava *Mémoires d'Hadrien*) (Yourcenar, 1982: 872).

imolação afim de lembrar aos seus amados o que devem a si mesmos. E de maneira indirecta, mas não menos insistente, aquilo que eles devem à admiração e ao amor das suas esposas.

Os modelos estóicos de Séneca e Paulina enquadram mal na fé cristã de Montaigne, particularmente no que diz respeito ao direito que a criatura tem de dispor da sua própria vida, independentemente do seu Criador. No entanto, o pensionário da biblioteca propõe ao leitor dos *Ensaio*s esses fragmentos de vidas exemplares² que o Renascimento vai buscar aos antigos, e que fornecerá o palco das grandes tragédias clássicas de Corneille e Racine. Como se, face à inconsistência ou à falta de integridade do presente, este nosso antepassado em Modernidade que é Montaigne nos indicasse já este gesto que não paramos de reiterar: ir à procura da nossa integridade perdida (sonhada, fantasiada) pelos territórios longínquos da vida unificada.

Os territórios longínquos da integridade

Qual *mise en abime* incôngrua, o episódio dos *Ensaio*s é evocado por Marguerite Yourcenar na monografia que dedicou ao escritor japonês Yukio Mishima. No entanto, a invocação do modelo antigo — fundamentalmente aqui na sua variante estóica — não destoa no estudo sobre aquele que foi (e continua a ser) o mais provocador e o mais ocidentalizado dos escritores japoneses. Mas que foi, sem sombra de paradoxo, também uma das consciências mais lúcidas sobre a fractura que a ocidentalização forçada do seu país provoca na alma nipónica.³ Nesse contexto, o caminho de regresso em direcção a um seu país já desvanecido e aos seus valores desenha, num espaço de três gerações, este gesto que, *mutatis mutandis*, o ocidente não para de repetir desde Leonardo e Petrarca.

Este horizonte representa o primeiro fio que liga a autora das *Mémoires d'Hadrien* a Mishima. Embora o comum sentimento de uma certa inactualidade se manifeste aparentemente de maneira mais transparente em Yourcenar, o percurso de Mishima condensa, até ao extremo, possibilidades dispersas na obra e nas personagens de Yourcenar. Lembremo-nos primeiro do início do fenómeno Mishima. Nascido em 1925, Kimitake Hiraoka sobrevive milagrosamente aos bombardeamentos massivos de Tokyo. Ao alívio do jovem de vinte anos sucede a angústia que

2 A tradução das *Vidas Paralelas* de Plutarco por Amyot sob o título — muito revelador — de *Les Vies des Hommes Illustres* data de 1559.

3 Ao par dos seus contemporâneos Yasunari Kawabata (Prémio Nobel de literatura em 1968) e Junichiro Tanizaki, cujo *Elogio da Sombra* (publicado em Portugal pela Relógio d'Água) se desenvolve precisamente a partir da oposição entre a implacável luminosidade clínica ocidental e a subtil preferência nipónica do tradicional claro — obscuro das casas aos muros de papel de arroz.

se abate sobre qualquer sobrevivente: porquê eu? Qual a razão da minha sobrevivência? No meio das ruínas, para quê continuar a viver? Sobre o pano de fundo de manhãs apocalípticas, toma a decisão de ser escritor. E não qualquer escritor: um escritor bem sucedido, cujo impulso vital se reflecte em todas as suas obras tal como na sua vida. Adoptado o nome de Yukio Mishima como pseudónimo,⁴ o escritor vai enterrar as ruínas do seu passado e os fantasmas colectivos através do cultivo de uma disciplina cujo modelo vai buscar primeiro ao ocidente. A sua viagem à Grécia deixa-lhe antever um modelo de existência onde a escrita se deve aliar a um corpo glorioso banhado pela luz da Ática. Nenhum outro autor senão Goethe para conjurar os seus demónios interiores; nada melhor do que uma casa kitsch, com cópias de estátuas gregas no pátio, guardiões contra o espectro deste Japão em cinza, que sempre ameaça a sua convalescência. A celebração de Apolo traduz-se numa variação sobre os amores de Dafnis e Cloé,⁵ enquanto que o franzino escritor se forja, pouco a pouco, um corpo capaz de expressar o seu desejo de “grande saúde”.

O recurso a motivos tipicamente ocidentais para dar forma à sua demanda podem aparecer como o negativo desta viagem que tantos ocidentais enveredam em direcção ao levante. E neste cruzamento de trajectórias, o diálogo que Yourcenar tenta estabelecer com o mais ocidental dos escritores japoneses faz eco ao apelo a figuras ficcionadas que viveram noutros universos, e que nos fazem lembrar os tempos em que o homem era novo. “A substância, a estrutura humana não muda muito. Nada mais estável do que a curva de um tornozelo, o lugar de um tendão, ou a forma de um artelho. Porém há épocas onde o sapato deforma menos. No século de que falo, estamos ainda muito próximos da livre verdade do pé descalço” (Yourcenar, 1982: 529).⁶ Nesse sentido, e para além de qualquer exotismo de bazar muito contemporâneo — apesar da globalização que reduz cada vez mais as distâncias, assumimos sempre o papel do outro, objecto das suas projecções e dos seus fantasmas — o que está em jogo aqui é a própria substância humana. Em vez de evocar horizontes alheios para hipnotizar o leitor com truques de ilusionismo, este alheamento voluntário deve ser entendido aqui como um exercício de despojamento, uma espécie de exercício espiritual que nos deve retirar qualquer adorno supérfluo, acessório.⁷ Esta deslocação implica pois um esforço de despegamento em

4 Mishima é um nome tradicional de uma província; Yukio uma evocação de yuki, a neve.

5 No livro intitulado *Shiosai*, traduzido em francês com o título *Le Tumulte des Flots* (1954).

6 La substance, la structure humaine ne changent guère. Rien de plus stable que la courbe d'une cheville, la place d'un tendon, ou la forme d'un orteil. Mais il y a des époques où la chaussure déforme moins. Au siècle dont je parle, nous sommes encore très près de la libre vérité du pied nu” (Yourcenar, 1982: 529).

7 “As regras do jogo: tudo aprender, tudo ler, informar-se de tudo, e simultaneamente, adaptar ao seu objectivo os Exercícios de Inácio de Loyola ou o método do asceta hindu que se esgota, durante anos a visualizar um pouco mais nítido a imagem que cria sob as suas pálpebras fechadas. (...) Trabalhar a ler um texto do século II; deixá-lo banhar nesta água-mãe que são todos os feitos contemporâneos: ... Proibir-se as sombras projectadas: não permitir que o vapor húmido do hálito se estenda sobre o aço do espelho; tomar somente o que há de mais durável, de mais essencial em nós, nas emoções dos sentidos ou nas operações do espírito, como ponto de contacto com os homens que como nós mastigaram azeitonas, beberam vinho...” (Yourcenar, 1982: 528-9).

relação a nós próprios, uma perda da nossa realidade mais imediata com vista a uma reintegração mais profunda no humano.

Moral, niilismo e literatura

“Todo o ser que viveu a aventura humana sou eu” (Yourcenar, 1982: 537).⁸ Esta declaração peremptória nos autoriza a colocar num mesmo plano figuras como Mishima, Hadrien ou Zenon, variedade de possíveis em humanidade. Com a excepção de que uma delas se consumou na tentativa de fazer da sua vida real o exemplo dado por todas as ficções que tinham perdido a sua força de convencer. O que distingue a leitura que Yourcenar dedica a Mishima é que, sem se deixar enganar por um certo voyeurismo da nossa época de jornais que confunde obra e autor, ela assume a intenção do japonês de fazer da própria vida uma parte da sua obra⁹ cujo *chef-d’œuvre* será o seu *seppuku* no 25 de novembro de 1970. E é provavelmente neste aspecto que a figura de Mishima concentra de maneira extrema certos dilemas encerrados no segundo século depois de Cristo ou no Renascimento. Sem nunca os reduzir ao nosso contexto no qual evoluem as suas personagens, os homens que Yourcenar desenha diante de nós nos experimentam possíveis humanos, que nos iluminam nas nossas próprias aporias desde os seus territórios ficcionados. Por mais respeitosa da especificidade da época que se queira a autora (dos seus valores, das psicologias próprias de uma civilização que ameaça perder-se definitivamente),¹⁰ são ainda os nossos tormentos que ela aqui interroga.

Mas aqui, a reflexão de Yourcenar é mediada pela espessura talvez eventualmente enganadora da ficção. Enganadora na medida em que, ao contrário dos Antigos, não nos confrontamos mais com o carácter implacável da Natureza. Nós modernos somos vítimas da vertigem que nos apanha perante a nossa ousadia, a nossa *hybris*, de querer domesticar o próprio curso da *physis*, de dobrar o traço incalculável d’*Anankè* através da nossa actividade cada vez mais compulsiva. Nisso, e como nos lembra H. Arendt, a dominação do homem moderno sobre a natureza mediante sua manipulação significa o fim da segurança: o homem transporta a imprevisibilidade própria dos assuntos humanos no seio da própria natureza.¹¹ A arte

8 “Tout être qui a vécu l’aventure humaine est moi” (Yourcenar, 1982: 537).

9 “A grosseira curiosidade como anedota biográfica é uma característica da nossa época, decuplada pelos métodos de uma imprensa e dos média dirigindo-se ao público que sabe cada vez menos ler. (...) Ignorêmo-lo, porém lembremo-nos sempre de que a realidade central é para ser procurada na obra: é isso que o autor decidiu escrever, ou foi forçado a escrever, que finalmente importa. E, seguramente, a morte tão premeditada de Mishima é uma das suas obras. Não obstante, um filme como *Patriotisme*, um relato como a descrição do suicídio de Isao em *Chevaux échappés*, iluminam o fim do escritor e em parte o explicam, enquanto que a morte do autor quando muito o autenticam sem o explicar” (Yourcenar, 1980: 13).

10 “Este século II interessa-me porque foi, durante muito tempo, o dos homens livres. Naquilo que nos diz respeito, estamos talvez já muito longe desse mesmo tempo” (Yourcenar, 1982: 537).

e a ficção, por mais criadoras que sejam, aparecem porém condenadas à impotência da antiga e obsoleta contemplação. As suas respostas alimentam a nossa curiosidade mas não saciam a necessidade de sentido à qual respondem: “Porém, há entre mim e estes actos dos quais sou feito um hiato indefinível. A prova disso, é que sinto continuamente a necessidade de os calcular, de os explicar, deles me dar conta. [...] Nada me explica: os meus vícios e as minhas virtudes irremediavelmente não bastam; a minha felicidade fá-lo mais, mas em intervalos, sem continuidade, e sobretudo sem causa aceitável. Porém o espírito humano tem aversão a ser fruto do acaso, a não ser senão o produto passageiro de oportunidades a que nenhum deus preside, muito menos ele mesmo. Uma parte de cada vida, e mesmo de cada vida muito pouco digna de menção, gasta-se a procurar as razões de ser, os pontos de partida, as fontes” (Yourcenar, 1982: 305-6).¹²

O longínquo país da moral vivida

Aqui tece-se uma irmandade de condição entre o imperador romano e o contemporâneo nipónico, nas suas insuficiências e nos seus pontos de apoio, entre os quais o campo certo de experiências que é o corpo próprio. Em ambos, a mesma confiança limitada nas palavras, que precisa de ser complementada no caso de Hadrien,¹³ expiada por Mishima. “O exercício dos músculos elucidava os mitos criados pelas palavras” (Yourcenar, 1980: 86)¹⁴ declarou Mishima. O corpo estilhaça as camadas de mentiras com as quais os poetas nos seduziram.¹⁵ Mais do que qualquer figura

11 Cf. Hannah Arendt, *Between Past and Future*, (1961), citado a partir da tradução francesa *La Crise de la Culture*, trad. dirigida por P. Levy, Paris, Gallimard, 1972. A análise de Arendt sobre a substituição do modelo contemplativo paradigmático dos Antigos pela categoria geral de acção na modernidade, e mais especificamente de fabrico — com todas as consequências que podem ser interpretadas em termos de reificação e alienação — encontra-se no ensaio intitulado *O Conceito de História — Antigo e Moderno*, pp. 58-120, *op. cit.*

12 Mais il y a entre moi et ces actes dont je suis fait un hiatus indéfinissable. Et la preuve, c’est que j’éprouve sans cesse le besoin de les peser, de les expliquer, d’en rendre compte à moi-même. [...] Rien ne m’explique: mes vices et mes vertus n’y suffisent absolument pas; mon bonheur le fait davantage, mais par intervalles, sans continuité, et surtout sans acceptable cause. Mais l’esprit humain répugne à s’accepter des mains du hasard, à n’être que le produit passager de chances auxquelles aucun dieu ne préside, surtout pas lui-même. Une partie de chaque vie, et même de chaque vie fort peu digne de regard, se passe à rechercher les raisons d’être, les points de départ, les sources” (Yourcenar, 1982: 305-6).

13 “... recordo-me das minhas corridas de criança sobre as colinas áridas de Espanha, do jogo consigo-mesmo onde se vai até aos limites do ofegar, seguro de que o coração perfeito, os pulmões intactos restabelecerão o equilíbrio; e tenho de qualquer atleta treinando-se para a corrida ao longo do estádio um entendimento que a inteligência por si só não me daria. [...] Acreditei, e nos meus melhores momentos ainda acredito, que seria possível partilhar desta maneira a existência de todos, e esta simpatia seria uma das espécies menos revogáveis da imortalidade” (Yourcenar, 1982: 290-1).

14 “L’exercice des muscles élucidait les mythes que les mots avaient créés” (Yourcenar, 1980: 86).

15 “Desde que conheço melhor o corpo, dizia Zaratustra a um dos seus discípulos, o espírito não é para mim senão uma metáfora; e de uma maneira geral, o ‘eterno’ não passa de símbolo”.

retórica, a intensidade integral do corpo garante a veracidade da intenção. A advertência do filósofo confuceano Wang Yang-Ming ecoa no exercício dos músculos: "Todo o pensamento não é senão válido quando passa aos actos" (Yourcenar, 1980: 88).¹⁶ Resta a decidir onde aplicar tal integridade. Mas aqui a tragédia moderna brota precisamente da ausência de tragédia, despedida pelos modernos e a sua *mathesis* (cálculo). E a opção contemplativa também nos é vedada. "... que acto? O mais puro, aquele do sábio dedicado à contemplação do Vazio, este vazio que é também o Pleno não manifestado, pede talvez um paciente treino que dura séculos. Sem isto, fica a devoção desinteressada por uma causa, supondo que possamos acreditar numa causa, ou fazer como se nela acreditássemos" (Yourcenar, 1980: 89).¹⁷ Nesta reserva se desenha o arco do humanamente possível que Marguerite Yourcenar traça entre Hadrien e Mishima. Este último, excessivamente ingénuo ou desesperado,¹⁸ procura na imolação do corpo que lhe dá acesso à verdade, à justificação de uma existência que ele sente injustamente privada de beleza e de justificação ética.¹⁹ Os símbolos já não são suficientes e a promessa de reconciliação no seio de uma existência reintegrada na sua unidade, não passa de uma fuga indigna. Só resta a justificação reflexiva do gesto que confere peso a própria vacuidade, resta abrir o seu ventre ao teatro do vazio:

"O corpo, esta "cortina de carne" que continuamente treme e mexe, acabará rasgada em duas ou usada até à corda, provavelmente para revelar o Vazio de que Honda não se apercebeu senão demasiado tarde e antes de morrer. Há duas espécies de seres humanos: os que afastam a morte do seu pensamento para melhor e mais livremente viver, e aqueles que, pelo contrário, se sentem cada vez mais sábia e fortemente existir que a examinam em cada um dos sinais que ela lhe transmite através das sensações do seu corpo ou dos acasos do mundo exterior. Estas duas

16 Toute pensée n'est valable que si elle passe aux actes" (Yourcenar, 1980: 88).

17 "... quel acte? Le plus pur, celui du sage adonné à la contemplation du Vide, ce vide qui est aussi le Plein non manifesté, demande peut-être un patient entraînement qui dure des siècles. À son défaut, reste le dévouement désintéressé à une cause, à supposer qu'on puisse croire en une cause, ou faire comme si on y croyait" (Yourcenar, 1980: 89).

18 "O erro grave do Mishima de quarenta e três anos, como tal, mais desculpável, do que o de Isao de vinte anos em 1936, é de não ter visto que, mesmo o rosto de Sua Majestade resplandecia novamente no sol levante, o mundo dos "ventres empanturrados", do prazer "ao vento" e da inocência "vendida" mantinham-se o mesmo ou se reformavam... [...] É estranho como o escritor que tão bem soube descrever em *La Mer de la Fertilité* um Japão que indubitavelmente tinha alcançado o ponto de não-regresso acreditasse que um gesto violento pudesse mudar alguma coisa em relação a isso. Mas a sua companhia, tanto japonesa como europeia, parecia ter sido ainda mais incapaz que nós de julgar o poço de desespero de onde saíam os seus actos (Yourcenar, 1980: 103-4).

19 Comentando o tratado *Hagakurê* do samurai Jôchô Yamamoto, Mishima responde a nossa incredulidade face ao seu *seppuku*. "Quando Jôchô diz: "Descobri que a Via do samurai é a morte", afirma os seus princípios de liberdade e de felicidade, a sua utopia. É por este motivo que o *Hagakurê* pode afigurar-se-nos como a descrição de um país ideal. A minha convicção é que se um tal ideal nunca se devia realizar, os habitantes deste país seriam muito mais felizes e mais livres que nós o somos actualmente. [...] "Tendo de escolher entre a morte e a vida, escolhe sem hesitar a morte". Nesta máxima, Jôchô não faz senão seguir o senso comum que diz que não importa qual a situação, a abnegação garante-vos um mínimo de virtude". Y. Mishima, *Le Japon Moderne et l'éthique Samouraï*, trad. E. Jean, Paris, Gallimard, 1985 (sublinhado por nós)

espécies de espíritos não se confundem. O que uns apelidam de uma mania mórbida é para os outros uma heróica disciplina" (Yourcenar, 1980: 109).²⁰

A este rigor que joga o seu valor num único gesto, Hadrien responde pelo exercício de uma disciplina da alternância e do serviço. Ao heroísmo da revolta, o sábio antigo opõe a constância trabalhada de uma lúcida aceitação. "A vida era para mim um cavalo aos movimentos do qual nos moldamos, depois de o ter, o melhor que se pôde, domado. Tudo sendo, ao fim e ao cabo, uma decisão do espírito, porém lenta, porém insensível, e que acarreta também a adesão do corpo, esforçava-me por alcançar degrau a degrau este estado de liberdade, ou de submissão, quase puro. [...] Porém é ainda pela liberdade de aquiescência, a mais árdua de todas, que mais rigorosamente me apliquei. Eu desejava o estado onde estava; nestes anos de dependência, a minha sujeição perdia o que tinha de amargo, ou até de indigno, se se resignava a ver nisso um exercício útil. Escolhia o que tinha, obrigando-me somente a tê-lo totalmente e a saboreá-lo o melhor possível. Os trabalhos mais aborrecidos executavam-se sem esforço por pouco que me agradasse apaixonar-me por eles" (Yourcenar, 1982: 318-9).²¹ Menos aparatosa, mas não menos esforçada, a prática ética que a figura de Hadrien nos propõe expressa talvez melhor a distância conciliadora dos contrários própria a M. Yourcenar. Esta lucidez recusa-se a abdicar da riqueza da vida feita de opostos, sobretudo na intimidade da mesma personagem. A não ser que os possíveis de um ser ficcionado se possam encontrar na vida de um criador de ficção. Em ambos os casos, Marguerite Yourcenar aplica a sua atenção para abrir caminhos em direcção a territórios inéditos, esta terra imensa, longínqua e tão dissimulada da qual nos falava Nietzsche, a terra da moral realmente vivida.²²

20 Le corps, ce "rideau de chair" qui sans cesse tremble et bouge, finira déchiré en deux ou usé jusqu'à la corde, sans doute pour révéler de Vide que Honda n'a perçu que trop tard et avant de mourir. Il y a deux sortes d'êtres humains: ceux qui écartent la mort de leur pensée pour mieux et plus librement vivre, et ceux qui, au contraire, se sentent d'autant plus sagement et fortement exister qu'ils la guettent dans chacun des signaux qu'elle leur fait à travers les sensations de leur corps ou les hasards du monde extérieur. Ces deux sortes d'esprits ne s'amalgament pas. Ce que les uns appellent une manie morbide est pour les autres une héroïque discipline" (Yourcenar, 1980: 109).

21 La vie m'était un cheval dont on épouse les mouvements, mais après l'avoir, de son mieux, dressé. Tout en somme étant une décision de l'esprit, mais lente, mais insensible, et qui entraîne aussi l'adhésion du corps, je m'efforçais d'atteindre par degré cet état de liberté, ou de soumission, presque pur. [...] Mais c'est encore à la liberté de l'acquiescement, la plus ardue de toutes, que je me suis le plus rigoureusement appliqué. Je voulais l'état où j'étais; dans ces années de dépendance, ma sujétion perdait ce qu'elle avait d'amer, ou même d'indigne, si j'acceptais d'y voir un exercice utile. Je choisissais ce que j'avais, m'obligeant seulement à l'avoir totalement et à la goûter le mieux possible. Les plus mornes travaux s'exécutaient sans peine pour peu qu'il me plût de m'en éprendre" (Yourcenar, 1982: 318-9). Esta estratégia que poderíamos qualificar de estóica podia encontrar uma certa correspondência moderna nestas afirmações de Baudelaire, já apontadas por Nietzsche: "É preciso trabalhar, senão por gosto, pelo menos por desespero, já que, a bem ver, trabalhar é menos aborrecido que divertir-se. [...] Para curar de tudo, da miséria, da doença e da melancolia, não falta senão o gosto pelo trabalho" Ch. Baudelaire, *Mon Coeur Mis à Nu: Journal Intime*, (1887) citado por F. Nietzsche in *Œuvres Philosophiques complètes, Vol. XIII, Fragments Posthumes*, Paris, Gallimard, 1976, pp. 270-275.

22 Cf. F. Nietzsche, *Genealogia da Moral*, Introdução.

Referências bibliográficas

- Yourcenar, M. (1982), *Oeuvres Romanesques*, Paris, Gallimard, La Pléiade.
Yourcenar, M. (1980), *Mishima ou la Vision du Vide*, Paris, Gallimard.
Montaigne (1962), *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, La Pléiade.

Olivier Feron, europeu e professor de Filosofia Moderna e Contemporânea na Universidade de Évora. Depois de estudos na Bélgica, na França, em Espanha e na Alemanha, apresentou a tese de doutoramento sobre a filosofia de Ernst Cassirer. Autor de vários estudos sobre o idealismo alemão e a filosofia contemporânea, é também tradutor.

LEITURAS